

# Orquestra Gulbenkian

**Paweł Kapuła**  
**Alexander Melnikov**



**23 + 24 jan 25**

**23 jan 25** QUINTA 20:00

**24 jan 25** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## Orquestra Gulbenkian

**Paweł Kapuła** Maestro\*

**Alexander Melnikov** Piano

### **Paul Hindemith**

*Sinfonia: Mathis o Pintor*

c. 26 min.

1. *Concerto de anjos*
2. *Deposição no túmulo*
3. *Tentação de Santo Antão*

INTERVALO

### **Ludwig van Beethoven**

Concerto para Piano e Orquestra n.º 5,  
em Mi bemol maior, op. 73, "Imperador"

c. 39 min.

1. *Allegro*
2. *Adagio un poco mosso*
3. *Rondo: Allegro*

\* Por motivo de força maior,  
o maestro Hannu Lintu  
é substituído por Paweł Kapuła.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 40min.

INTERVALO DE 20 MIN.

# Paul Hindemith

(Hanau, 1895 – Frankfurt, 1963)

## Sinfonia: *Mathis o Pintor*

COMPOSIÇÃO 1934

ESTREIA Berlim, 12 de março de 1934

DURAÇÃO c. 26 min.

Composta entre os anos de 1933 e 1935, a ópera *Mathis der Maler* tomou como cenário histórico um dos mais conturbados eventos dos inícios do período maneirista, conhecido como a “revolta dos camponeses”. Acompanhando o desenrolar das lutas entre o campesinato e a aristocracia dominante, no espaço germânico, Hindemith retratou vários episódios da vida do pintor Matthias Grünewald (c.1470-1528), despertando questões iminentes sobre o papel do artista e sua relação com a sociedade moderna, num momento em que já se desenhavam as principais correntes do fascismo na Europa. Como seria de esperar, as propostas de Hindemith motivaram duras críticas do regime nazi, vindo a ser rotuladas como “música degenerada” e proibidas na maior parte dos teatros e salas de concerto públicos. A estreia da ópera teria lugar, fora da Alemanha, em Zurique, a 29 de maio de 1938, mas o maestro Wilhelm Furtwängler sugerira a Hindemith a composição de uma partitura puramente instrumental, a partir de cenas selecionadas da ópera. A ideia foi bem acolhida, dando origem a uma “sinfonia” homônima, orientada em função de três momentos-chave da ópera: o prelúdio da primeira cena, situada no mosteiro de Santo Antão de Mogúncia

(Mainz), onde Mathis pinta um fresco, o interlúdio da sétima e última cena, o qual sobrevém à morte da filha do líder dos camponeses revoltosos, Regina Schwalb, e a anterior sexta cena, na qual o pintor se vê na pele do asceta cristão Santo Antão, o qual, à imagem de Jesus Cristo, padeceu no deserto as tentações do demónio.

No primeiro andamento, subtintulado *Concerto de anjos*, o músico expõe os principais componentes temáticos da primeira cena da ópera, ligados, por um lado, ao coral protestante e por outro, à vetusta tradição do canto gregoriano. Na deploração fúnebre que se segue, *Deposição no túmulo*, as melopeias do oboé e da flauta estabelecem um ambiente de recolhimento, repleto de nostalgia e de tristeza. Já no derradeiro andamento, *Tentação de Santo Antão*, Hindemith sugere a metamorfose de Mathis por meio de um discurso orquestral ambíguo e agitado por acentos dramáticos. À progressão das cordas sucede a intervenção das madeiras, com uma citação da sequência gregoriana *Lauda Sion Salvatorem*. A sonoridade brilhante dos metais encerra o andamento, simbolizando o triunfo da arte e dos artistas sobre todas as adversidades.

# Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

## Concerto para Piano e Orquestra n.º 5, em Mi bemol maior, op. 73, “Imperador”

COMPOSIÇÃO 1809

ESTREIA Leipzig, 28 de novembro de 1811

DURAÇÃO c. 39 min.

Partitura coeva de várias obras mestras da produção instrumental e vocal de Ludwig van Beethoven, o Concerto para Piano n.º 5, em Mi bemol maior, op. 73, teve uma gênese conturbada, envolta nos esforços bélicos que a Áustria, enquanto estado do vasto império germânico, envidou na sua defesa contra as duras investidas do exército francês, liderado por Napoleão Bonaparte. Foi durante o período que se seguiu à ocupação da capital imperial de Viena, em outubro de 1809, que Beethoven concluiu o seu Concerto para Piano n.º 5, aproveitando o clima de relativa acalmia, que passou, doravante, a ser conhecido como “a paz de Viena”. O concerto veio a ser estreado a 28 de novembro de 1811, no Gewandhaus de Leipzig, com o pianista Friedrich Schneider e a orquestra residente, sob a direção do maestro Johann Philipp Schulz.

Saído da pena de alguém que já contava, na altura, com elevado carisma e projeção públicos, o Concerto n.º 5 ajudou, ao mesmo tempo, a firmar os princípios da autonomia estética da música instrumental nas salas de concerto da época e este processo acarretou implicações adicionais, tais como, por exemplo, a divulgação de panfletos de concerto que chamavam o público aos “templos” da arte sonora.

Foi, de resto, nestes suportes pioneiros da informação para as “massas” que começou a aparecer o termo “Imperador”, apenso como subtítulo ao Concerto n.º 5, sem qualquer autorização prévia do compositor, o qual não admitia outra designação senão a de “Grande Concerto”. Mercê desta lógica de ampliação do mito imperial, por via apócrifa, a partitura impôs-se definitivamente nos programas orquestrais e no próprio repertório do instrumento.

Nos alvares do período romântico, o Concerto n.º 5 encarna na perfeição a conceção do solista todo-poderoso, capaz de enfrentar sozinho os poderes impetuosos de uma orquestra. O primeiro andamento, *Allegro*, inicia-se com uma brilhante cadência do instrumento solista, sobre uma sucessão de simples acordes orquestrais. Os diferentes naipes desvelam, em seguida, toda a dimensão sinfónica da partitura, colocando em relevo tanto os contrastes sonoros como as nuances de dinâmica e o jogo intensivo de timbres. Sem demora, o primeiro tema é exposto em toda a sua pujança rítmica. O segundo tema sucede-se de imediato, num registo mais velado e misterioso, antes de ter lugar a repetição do primeiro tema pelo *tutti* orquestral. É a vez do solista

transmitir toda a magia contida nos temas anteriores, sempre com o apoio da orquestra. A principal particularidade do desenvolvimento é a sua base harmónica em arco, que parte da tonalidade afastada de Sol maior para concluir na mesma tonalidade, no que contraria os cânones habituais do concerto clássico. A recapitulação reutiliza os dois temas iniciais e faz uma breve cadência sobre o segundo, em forma de conclusão.

O segundo andamento, *Adagio un poco mosso*, inflete numa dimensão mais introspetiva, na serena tonalidade de Si maior. Um tema de grande enlevo melódico é desenhado pelas cordas, vindo a ser entoado pelo solista, mais à frente. Beethoven esboça como que um gesto de desprendimento do solista, o qual vai tecendo um caminho contemplativo que estabelece os horizontes expressivos do andamento. A dado passo, as trompas intervêm de

forma muito suave, antecedendo a modulação que conduz ao final do andamento.

Fazendo uso de uma das modalidades mais comuns das formas de sonata herdadas do classicismo, o andamento final baseia-se no molde formal do rondó, caracterizado por um refrão recorrente que, no caso, imprime uma dinâmica exuberante à textura, fazendo sobressair o intérprete solista. O refrão inicial confere todo o encanto e desembaraço rítmico ao andamento e funda-se na oposição da subdivisão binária, presente na mão direita do pianista, à subdivisão ternária, que serve de base ao pentagrama da mão esquerda. De alguma forma, Beethoven anuncia a emancipação definitiva do intérprete de música instrumental, o qual passa a desempenhar um papel catalisador na experiência do concerto público.

NOTAS DE RUI CABRAL LOPES

## Paweł Kapuła

O maestro polaco Paweł Kapuła é um dos mais empolgantes maestros da sua geração, sendo aclamado pelas suas emocionantes, frescas e cativantes interpretações e pela excelente técnica de direção. Sem receio de novos desafios, os seus programas e o seu estilo demonstram um elevado nível de criatividade, conduzindo a presenças recorrentes nos palcos internacionais. Na temporada 2024/25, Paweł Kapuła estreia-se à frente da Filarmónica do Japão, das Sinfónicas de Xian e Guiyang (China), da Sinfónica de Hamburgo, da Orquestra de Câmara Dinamarquesa e da Robert-Schumann-Philharmonie Chemnitz. Outros compromissos incluem a Orquestra do Ulster, a Orquestra de Câmara Georgiana e a Württembergische Philharmonie Reutlingen. Em fevereiro de 2021, Paweł Kapuła foi nomeado Maestro Convidado Principal da Filarmónica da Pomerânia, em Bydgoszcz.

A solidez da sua liderança e o refinamento dos seus programas chamaram a atenção de outras orquestras polacas como a Sinfónica da Rádio Nacional de Katowice, a Filarmónica de Varsóvia ou a Filarmónica de Gdansk.

O seu mais recente projeto de gravação com a Filarmónica de Praga – Concertos para Piano de Beethoven – foi lançado recentemente. É também um divulgador da música de compositores polacos menos conhecidos, nomeadamente em gravações para a Rádio Nacional Polaca.

Paweł Kapuła teve as suas primeiras aulas de piano aos sete anos de idade. Estudou direção de orquestra com Tadeusz Strugala e Stanislaw Krawczyński na Academia de Música de Cracóvia. Foi finalista premiado no primeiro Concurso de Direção Adam Kopyciński, em Wrocław, em 2013. É licenciado em musicologia pela Universidade Jaguelónica de Cracóvia.

## Alexander Melnikov

Alexander Melnikov diplomou-se pelo Conservatório de Moscovo, na classe de Lev Naumov. Nessa altura, destaca-se um encontro inicial com o lendário pianista Sviatoslav Richter, que o viria a convidar regularmente para festivais na Rússia e em França. Melnikov foi premiado em eminentes competições como o Concurso Internacional Robert Schumann (Zwickau, 1989) ou o Concurso Rainha Elisabeth (Bruxelas, 1991). Desde muito cedo, cultivou um interesse particular pelas interpretações de época. As suas maiores influências neste campo incluem Andreas Staier e Alexei Lubimov, bem como as colaborações com agrupamentos como Freiburger Barockorchester, Musica Aeterna ou Akademie für Alte Musik Berlin. Como solista, atuou com muitas das grandes orquestras mundiais, sob a direção de maestros como Mikhail Pletnev, Teodor Currentzis, Charles Dutoit, Paavo Järvi, Thomas Dausgaard ou Vladimir Jurowski. Uma parte essencial do seu trabalho está relacionada com a música de câmara, em colaboração com artistas como o violoncelista Jean-Guihen Queyras ou a violinista Isabelle Faust, tendo realizado várias gravações distinguidas com prémios internacionais.

A temporada 2024/25 inclui uma residência no Konzerthaus de Viena, bem como concertos no Japão, nos EUA e na Europa, com a Filarmónica de Munique, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim, a Orchestra della Svizzera Italiana, a Gürzenich Orchestra, a Kammerakademie Potsdam, a Orquestra de Câmara de Basileia ou a Orquestra de Câmara Australiana, sob a direção de Ivor Bolton, Maxim Emelyanychev, Daniel Cohen, Anja Bihlmaier e Giovanni Antonini. A música de câmara inclui concertos em Helsínquia, Copenhaga, Amesterdão, Bona, Vancouver, Seattle e Londres e os recitais a solo incluem Berlim, Colónia, Lyon, Praga, Madrid, Yokohama e Tóquio, entre outras cidades.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Erik Eide CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Matilde Araújo  
Catarina Ferreira  
Rui Cristão  
Nelson Nogueira\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwal 2º SOLISTA  
Jorge Teixeira  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Margarida Queirós  
Camille Bughin  
Francisca Fins  
Miguel Simões  
Asilkan Pargana  
Catarina Resende

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Micaela Miranda  
Raquel Noemi  
Márcia Marques  
Sara Farinha  
Bárbara Ferreira

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA  
Emeraude Bellier 1º SOLISTA  
Martin Henneken 1º SOLISTA  
Raquel Reis 2º SOLISTA  
Jeremy Lake  
Gonçalo Lélis  
João Valpaços  
Hugo Paiva  
Maria Leonor Moniz\*  
Pedro Fernandes\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Marine Triolet 1º SOLISTA  
Manuel Rego 2º SOLISTA  
Miguel Menezes  
Diogo Pereira  
Vitor Silva\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA  
Natália Monteiro 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA  
Kenneth Best 1º SOLISTA  
Pedro Fernandes 2º SOLISTA  
Antonia Chandler 2º SOLISTA  
Rodrigo Carreira 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA  
José Pedro Pereira 2º SOLISTA  
Paulo Carmo 2º SOLISTA

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA  
Rui Fernandes 2º SOLISTA  
Thierry Redondo 2º SOLISTA  
TROMBONE BAIXO  
Paulo Alves 1º SOLISTA\*

## TUBAS

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA  
Xavier Novo 1º SOLISTA\*

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA  
Cristiano Rios 2º SOLISTA\*  
Tomás Rosa 2º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

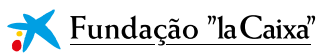
## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Ferreira de Andrade  
Pedro Canhoto  
Fábio Cachão  
Inês Nunes

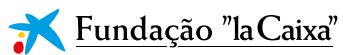
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

